

NÃO PERGUNTE. NÃO FALE.

Mutismo e homossexualidade em um filme de guerra americano*

*Flávio Vilas-Bôas Trovão***

RESUMO: Em janeiro de 2014 o presidente americano Barack Obama assinou a lei que pôs fim à política de banimento dos homossexuais nas Forças Armadas americanas, sob o codinome *Don't Ask, don't tell*, implementada há vinte anos (1994), durante os primeiros anos do governo Bill Clinton. Tal fato representa mais um episódio de conflitos nas relações envolvendo homossexuais e forças militares naquele país. Nessa esteira de reflexão, as imagens sobre a homossexualidade em “O Exército Inútil” (*Streamers*), filme de Robert Altman lançado em 1983, nos permitem problematizar as situações vividas por homossexuais dentro do exército americano, sobretudo a partir dos anos 1980. Debruçando-nos, também, sobre documentos históricos escritos, como relatos de homossexuais combatentes e documentos oficiais do governo americano, procuramos apontar alguns fatos históricos que possam explicar o significado do banimento da lei em questão.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade; forças armadas; Estados Unidos da América.

DON'T ASK, DON'T TELL. MUTISM AND HOMOSEXUALITY IN AN AMERICAN WAR MOVIE.

ABSTRACT: In January 2014, the American president Barack Obama passed a law which put an end to the homosexual banishment policy in the armed forces. Under the code name "Don't Ask, don't tell" this policy was implemented twenty years ago, during the first years of the Clinton government. It represented another conflicting episode in the relationship between homosexuals and the armed forces in that country. Following this reflection, the images about homosexuality in the movie "Streamers" released in 1984 by Robert Altman, allow us to analyze what homosexuals faced in the armed forces, specially from 1980 on. Moreover, with the analysis of historical documents such as reports by homosexual combatants and official American government files, we aim to point out facts that will manage to explain the banishment of the before mentioned law.

KEYWORDS: homosexuality; U. S. Armed Forces; USA.

* * *

* Uma primeira versão desse artigo foi apresentada e publicada nos Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC (Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas) em julho de 2014, na Universidade Federal Fluminense, *Campus Gragoatá*.

** Professor Adjunto do Departamento de História da UFMT. Doutor em História Social (USP). E-mail para contato: flaviotrova@hotmai.com.

¹ “Não pergunte, não fale.”

Homossexuais nas tropas americanas: imagens políticas.

Até o ano de 2014 os homossexuais que integrassem as Forças Armadas Americanas estavam sob a ameaça do banimento das tropas. Se fosse comunicada às instâncias superiores alguma ação que demonstrasse a conduta homossexual de um dos membros de alguma das forças militares norte-americanas, os sujeitos (sejam homens ou mulheres) "acusados" sofreriam um processo disciplinar interno e poderiam ser desligados do efetivo, com a denominação de "Baixa Honrosa", o que acabaria por contornar possíveis situações de constrangimento. Mas nem sempre foi assim.

Nos anos 1950 os homossexuais identificados, processados e expulsos, recebiam a "baixa desonrosa", fazendo com que muitos homens e mulheres, ex-combatentes de guerra não voltassem para suas cidades natal, evitando explicar os motivos da "desonra". Dessa forma, ao longo dos anos 1950 e 1960, muitos ex-combatentes homossexuais acabavam por se estabelecer nas cidades e regiões próximas das grandes bases militares americanas, como o caso de São Francisco, Califórnia. Nasciam, assim, grupos de identidade homossexual, a partir de repúblicas e bares frequentados por ex-combatentes "desonrosos".

Gabriel Rotello ressalta que a proximidade desses primeiros grupos de identidade homossexual (ou comunidades) com o universo militar pode ser percebido no próprio movimento que se formou ao longo dos anos 1970 nos Estados Unidos, na adoção de palavras e comportamentos típicos do cotidiano da caserna, como a ideia de campanha, a organização hierárquica, além do uso de indumentárias e acessórios militares.²

Mas a relação entre homossexuais e o universo militar não é uma característica exclusiva das tropas americanas ou tampouco contemporânea. Segundo Michel Foucault, desde a antiguidade essa presença era marcante entre os guerreiros como também entre aqueles que se dedicavam às artes e ciências na Grécia do século V. Comentando como o amor era percebido entre os rapazes na Era Clássica, o autor exemplifica "as condutas pelas quais eles se manifestam: um cuida do amado, acompanha-o ao ginásio, à caça, ao combate: segue-o na morte; (...)".³

² Ver: ROTELLO, G. "Comportamento sexual e AIDS: a cultura gay em transformação." São Paulo: Summus, 1998.

³ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 190.

Era no convívio cotidiano, inclusive nos treinamentos e batalhas, que se provava o companheirismo e, dessa forma, o amor entre os guerreiros na Grécia Clássica. Portanto, a presença homossexual naqueles exércitos, assim como na sociedade, não era vista como uma excepcionalidade, mas sim, como parte da sociedade.

Muito diferente era a situação do homossexual nas Forças Armadas Americanas, em especial, nos últimos 30 anos. Na coletânea *Military Trade*, organizada por Steven Zeeland, vários homossexuais ex-combatentes e homens "adoradores" de militares relatam suas experiências e aventuras sexuais. A unidade dos relatos é dada pelo desejo (sexual) por imagens relativas ao universo militar.

Trade tradicionalmente refere-se aos homens que aceitam os avanços sexuais de outros homens em virtude de necessidade financeira, miséria sexual, estupor alcoólico, ou outras razões "situacionais", e não por causa de alguns desejos gay inatos.⁴

Os militares *trades* seriam, portanto, aqueles homens das forças armadas que permitem uma série de jogos e aventuras homoeróticas em função de "situações específicas" (necessidade financeira, efeito de álcool, etc.) visto que a homossexualidade, nesse sentido, feriria os princípios militares, inclusive. O autor esclarece que para muitos dos seus depoentes simplesmente o fato de se tratar de militares já dava a esses sujeitos um estatuto masculino superior, como sendo "homens de verdade", o que subentende que o homossexual não o seja. É claro que se tais imagens de masculinidade são vivenciadas dentro das casernas, o discurso político não será descolado dessa realidade e, ao contrário, nelas encontram terreno para sua edificação enquanto norma disciplinar.⁵

⁴ Livre tradução de: *Trade traditionally refers to men who accept the sexual advances of other men owing to financial need, sexual deprivation, alcoholic stupor, or other "situational" reasons, and not because of some "innate" gay desire.* Em: ZEELAND, Steven. *Military Trade*. New York; London: Harrington Pak Press, 1999. p. 1

⁵ Uma interessante discussão sobre a questão da masculinidade nos Estados Unidos pode ser vista na obra de Gail Bederman, *Manliness and civilization: a cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. O autor observa como os termos *manhood* e *manliness* não são sinônimos históricos, embora ambos carreguem semanticamente a ideia de um comportamento tipicamente masculino, como também, o significado para bravura, coragem. Para Bederman, ao pensarmos a relação entre "masculinidade" e civilização, nos Estados Unidos, não se pode desconsiderar as relações de gênero (obviamente) implícitas na questão, e principalmente, deve-se atentar para as questões raciais também presentes. Existe uma relação direta entre o poder do homem branco sobre os homens e mulheres negros ao longo da constituição da história dos Estados Unidos, que estabelece uma diferenciação política e econômica na sociedade. "Durante anos ao longo do século, os americanos foram obcecados pela conexão entre masculinidade (*manhood*) e dominação racial." (livre tradução de: *During the decades around the turn of the century, Americans were obsessed with the connection between manhood and racial dominance.*). BEDERMAN, *Manliness and civilization: a cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. USA: University of Chicago Press, 1996. p.4

Entre os depoentes de *Military Trade* encontra-se Tom, um jovem de 25 anos, nascido no Alabama, que serviu como *Marine* (patente equivalente ao fuzileiro naval brasileiro) desde os 19 anos de idade:

Eu cresci no Alabama e era totalmente um "lixo branco" [tratamento pejorativo dado aos brancos pobres da região sul dos Estados Unidos]. Meus pais trabalhavam em uma fábrica. Nós éramos bastante pobres. Crescer nessa área [significa] que ou você vai para o serviço militar ou trabalhar na fábrica. É realmente, realmente, uma área desolada. Minha turma de *ensino médio** tinha doze pessoas. Eu nunca conheci nenhuma pessoa gay. (...) A única razão pela qual eu tive condições de servir na unidade de infantaria *Marine* [fuzileiros navais] por seis anos era porque eu cresci reprimido no Alabama. Porque eu estava acostumado a esconder meus sentimentos [desejos] sexuais. Mas eu não acredito que a maioria dos gays consigam."⁶

O relato de Tom revela, de certa forma, uma imagem bastante negativa da presença homossexual no exército, pois pode ser vista como um perigo ou ameaça tanto ao sujeito homossexual quanto à ordem militar na qual se encontra inserido.

Em "O Exército Inútil" (*Streamers*), filme dirigido por Robert Altman em 1983, conhecemos a história de quatro soldados que estão sendo treinados para ir ao Vietnã em guerra, nos anos do governo Johnson. O mote do filme gira em torno da (homo) sexualidade de Richie, questionada ao longo de toda a trama e nunca afirmada claramente. Richie tenta seduzir Billy, seu colega de quarto. Esse prefere não acreditar nas "tendências" homossexuais do companheiro de caserna.⁷

Carlyle e Roger são dois personagens negros que se aproximam um do outro muito mais pela identidade racial, visto que estão em setores diferentes no exército. Carlyle faz parte da Companhia P, encarregado da limpeza, enquanto Roger é um soldado N.D. (*no duty*), ou seja, sem obrigações, atuando na área técnica, por ter estudado. Ao perceber o jogo de sedução entre Richie e Billy, Carlyle pensa que entre tantos privilégios que estes soldados gozavam, as aventuras sexuais com o colega seria mais

⁶ ZEELAND, op. cit., p. 240; 253. livre tradução de: "Growin up in Alabama I was total white trash. Both of my parents worked in a factory. We were flat-out poor. Growing up in that area you're either going to go to into the military, or you're going to work in factory. It's just a really, really desolate area. My senior class had twelve people. I never knew any gay people. (...) The only reason that I was able to survive in a Marine infantry unit for six years was because I grew up so repressed in Alabama. Because I was accustomed to shutting down my sexual feelings, I was able to do it. But I don't think that the average out gay man can."

⁷ O EXÉRCITO Inútil (*Streamers*). Direção: Robert Altman. Produção: Robert Altman e Nick J. Mileti. Roteiro: David Rabe. Intérpretes: Matthew Modine, Michael Wrigth, Mitchell Lichstein, David Alan Grier, Guy Boyd, George Dzundza. Los Angeles: Fox Filmes, 1983. 1 DVD (118 min), mono. Color. English (com legendas). O filme é a adaptação cinematográfica do texto dramático homônimo, escrito por David Rabe em 1976.

um deles. Assim, ele inverte a situação de ignorar os possíveis desejos homossexuais de Richie e aceita "transar"⁸ ali mesmo no alojamento, diante dos demais.

Nesse momento da narrativa, todas as personagens estão muito alteradas e a carga dramática se amplifica com os conflitos que passam a se suceder no alojamento. Esse serve de cenário principal para, praticamente, todas as ações no filme, num estilo *hius clos*.⁹ Irritado e bastante atormentado, Carlyle ataca e mata Billy, por recusar que ocorresse diante de si o ato sexual entre os dois soldados.

Desesperado, Carlyle é surpreendido pela entrada do sargento Roonie no alojamento que, ao perceber o que havia ocorrido, deu voz de prisão ao soldado. No momento de maior tensão da trama, Carlyle só vê uma saída: matar o sargento e fugir, contando com a lealdade de Roger e o medo de Richie. Quando a polícia militar finalmente chega no alojamento, Carlyle é identificado, capturado e arrastado para a prisão.¹⁰

O alojamento é isolado para investigação e na sequência final, Roger pergunta a Richie, em tom acusatório, porque ele simplesmente não *disse* que era homossexual, como se essa fosse a causa da sequência trágica que ambos acabaram de viver. Ao que a personagem, finalmente, fala: "eu estava dizendo, mas vocês não ouviam".

O filme foi lançado em 1983, momento em que o gabinete do presidente Ronald Reagan se via envolvido, externamente, em conflitos militares na América Central, além da região entre o Irã e o Iraque.¹¹ Portanto, a temática militar estava em voga naquele momento histórico, seja do ponto de vista das ações do governo federal no exterior, como também nas produções cinematográficas da

⁸ No idioma original Carlyle diz querer um *blonjob*, expressão chula, em inglês, para designar o sexo oral no homem.

⁹ Expressão francesa e título de obra dramática de Sartre que significa "entre quatro paredes". Essa estratégia cênica de *O Exército Inútil* "confina os personagens entre quatro paredes, numa situação de espera, gerando as tensões que, agravadas pelo comportamento transgressivo de Richie, caminham para o desfecho sangrento. David Rabe e Robert Altman transcendem a crítica ideológica da caserna – não se trata mais de um filme sobre o Vietnã – e atingem uma dimensão metafísica, expondo o inferno de toda existência autêntica." Em: NAZARIO, Luiz. *O Exército Inútil: Robert Altman. Cadernos Aparentamentos*, São Paulo, v. 104, p. 9-20, 1992. p. 15.

¹⁰ Em nossa tese de doutorado exploramos também as questões referentes às relações raciais nos Estados Unidos nos anos 1980, a partir das análises fílmicas de "O Exército Inútil". Ver: TROVÃO, Flávio. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política*, 1983. São Paulo: Anadarc, 2010.

Ver também o importante estudo de Loïc Wacquant publicado pelo Instituto Carioca de Criminologia que analisa a chamada "onda punitiva" nos Estados Unidos, onde as relações entre raça e criminalidade são pensadas a partir dos processos históricos do período, a saber, a privatização dos serviços sociais, entre os quais, o sistema prisional americano. WACQUANT, L. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

¹¹ Para uma melhor contextualização do período ver: GADDIS, John Lewis. *A Guerra Fria*. Lisboa: Edições 70, 2005; e HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Do ponto de vista da política interna, o governo Reagan estava empenhado na implantação de um programa neoliberal de diminuição das ações sociais do estado. Ver: PIVEN, Frances F.; CLOWARD, Richard A. *The new class war: Reagan's attack on the welfare state and its consequences*. New York: Pantheon Books, 1982.

época. Nessa indústria, os anos 1980 foram marcados por uma "retomada do tema do Vietnã" onde vários filmes passaram a abordar a Guerra do Vietnã não mais sob o olhar crítico de produções que marcaram os anos 1970, mas sim, sob uma apologia à guerra e ao individualismo. Personagens como Rambo, Bradock (e filmes sequências sobre o tema), constituem um subgênero em plena expansão naquele momento na indústria cinematográfica hollywoodiana: os filmes da "Nova Guerra Fria".

Os filmes de guerra, bem como seus filhotes eletrônicos, os *games* de temática militar (jogos eletrônicos) tendem a nos apresentar imagens que, ainda divergindo em alguns aspectos, são bastante homogêneas quando retratando o soldado em batalha: homens fortes, valentes, corpos definidos e com determinação para vencer. O cotidiano nas casernas que o cinema nos auxilia a retratar e que por vezes imaginamos é permeado por sentimentos de camaradagem, brincadeiras e disciplina, adrenalina nas batalhas e que podem, de acordo com o momento histórico em questão, estabelecer conexões com o campo do político. Não é à toa que praticantes de fisiculturismo acabaram se convertendo em astros de Hollywood com filmes desse gênero e depois, inclusive, políticos.¹²

Portanto, nesse contexto de expansão de uma determinada imagem sobre o soldado que lutou no Vietnã, aquela representada por Rambo, por exemplo, é diametralmente divergente da imagem que "O Exército Inútil" retrata: soldados em crise e ainda uma possível aventura homossexual pública, dentro da caserna.

Os significados dados à relação homossexual dentro das Forças Armadas, tanto nas imagens do filme de Altman quanto naquelas constantes nos relatos de *Military Trade*, ainda que separados historicamente por quase três décadas, convergem em um ponto, a necessidade de combater sua presença no espaço militar. Não bastava reprimir e perseguir um ou outro sujeito indesejável, como já vinha se fazendo desde os anos 1950. Restaurar a ordem militar nas tropas americanas passava, também, pelo desejo (fantasioso) de exterminar, definitivamente, daquele espaço, relações e desejos homossexuais. A estratégia, como veremos, tinha de ser política. Uma política que os impedisse de dizer que estavam ali.

¹² Arnold Schwarzenegger fez sucesso em filmes do subgênero "Nova Guerra Fria" e hoje é um importante político do partido Republicano, seguindo os passos de R. Reagan, que também se notabilizou publicamente como ator de cinema. Ver: TROVÃO, F. Novos soldados para novos conflitos: cinema e guerra no governo Reagan (1980-1983). em: IPI-RANGA, P., GARRAFFONI, R. e BURMESTER, A. *Do amor e da guerra: um itinerário de narrativas*. São Paulo: Anna-Blume, Brasília: Capes, 2014. p.257-270.

O mutismo em cena: não pergunte e não fale!

Com a ascensão de Bill Clinton à Presidência da República (1993-2000), um grupo de estudos foi elaborado para pensar a questão dos homossexuais dentro das Forças Armadas americanas. Em pauta estava a necessidade de criar uma política onde os homossexuais não fossem tão expostos (reivindicação política dos movimentos homossexuais organizados) e que, ao mesmo tempo, não deslegitimasse a hierarquia e a “seriedade” das instituições militares (exigência política de seus comandantes).¹³

Durante a campanha presidencial de 1992, Clinton havia se comprometido durante a criar uma política para que os homossexuais pudessem atuar como militares com liberdade. Porém, o alto comando das Forças Armadas, durante seu governo, manteve sob liderança das tropas os mesmos nomes do antigo gabinete de *Bush Pai* (1989-1992), governo que pode ser considerado uma extensão daquele que teve Ronald Reagan como presidente. Em outras palavras, Clinton tinha diante de si um dilema: atender aos movimentos homossexuais, parte de sua base de apoio política, visto a maior identidade do movimento com as políticas defendidas pelos Democratas (partido de Clinton) e, ao mesmo tempo, não desagradar aos senhores da guerra americanos, geralmente alinhados às teses republicanas, ou seja, a oposição.¹⁴

Nesse conturbado contexto criou-se um programa que foi apelidado com o codinome *Don't ask, don't tell*¹⁵. Em tese, o conjunto de leis aprovadas poderia ser resumido na seguinte questão: os questionamentos sobre a orientação sexual dos candidatos a ingressar nas forças armadas seriam retirados dos formulários e, ao mesmo tempo, os homossexuais não deveriam tornariam pública sua “orientação” sexual.

Sob esta abordagem, o Departamento de Defesa não fará a pergunta sobre a orientação sexual dos futuros membros das forças armadas, e as pessoas seriam **obrigadas a manter ou**

¹³ Cf. BURELLI, D. e DALE, C. *Homosexuals and U.S. Military policy: current issues*. Washington: The Library of Congress, may 2005.

¹⁴ Entendemos que o governo Clinton, nesse sentido, pode ser lido como uma grande continuidade da chamada "Era Reagan". Cf. WILENTZ, Sean. *The age of Reagan*. A history (1974-2008). New York: Harper Collins, 2008.

¹⁵ Ainda que o termo seja aplicado a um programa formado por uma série de leis que regulamentam a questão homossexual e o serviço militar nos Estados Unidos, para maior fluidez da leitura, ao nos referirmos ao *Don't ask don't tell*, usaremos a palavra "lei", como ficou conhecido pelo grande público.

a sua orientação homossexual para si, ou, se não, seriam desligados já no serviço de alistamento ou negada nomeação se pretende aderir ao serviço.¹⁶ (grifos nossos).

Nesse sentido, a política aprovada pelo governo Clinton buscava acalmar as reivindicações dos movimentos homossexuais, ao mesmo tempo, conciliar as posturas conservadoras presentes no alto comando das forças armadas estadunidenses. O que a *Don't Ask, don't tell* criou foi um dispositivo para que os homossexuais fossem atendidos, porém, sua orientação sexual deveria permanecer em segredo. No mesmo relatório, existe uma declaração de um superior das Forças Armadas dizendo que caso algum homossexual fosse delatado apenas por tornar pública a sua orientação sexual, esse provavelmente não seria desligado ou rechaçado em sua carreira.

A orientação sexual é considerado um assunto privado e pessoal, e a orientação homossexual não é uma barreira para a entrada no serviço (militar) ou sua continuidade, a menos que se manifeste por uma conduta homossexual.¹⁷

Um amplo debate se estendeu entre as comissões envolvidas no Projeto de Lei que estabeleceu a *Don't Ask Don't Tell*, envolvendo desde ativistas dos movimentos homossexuais, como membros das forças armadas, para estabelecer o que seria "orientação" e "conduta" homossexual. Finalmente a questão fechava em torno do seguinte acordo: o indivíduo pode ser homossexual e integrar as forças armadas, desde que não se manifeste como tal.

Funcionários do governo insistiram que o presidente estava apenas tentando buscar um acordo que levasse em conta as preocupações do Congresso e dos militares, mas também minimizar a discriminação contra homossexuais.¹⁸

A repressão da homossexualidade nos espaços militares não é garantia para que os sujeitos homossexuais estejam apartados da instituição. Torna aquele mais um espaço onde, muitas vezes,

¹⁶ Livre tradução de: "Under this approach, the Department of Defense would not ask question concerning the sexual orientation of prospective members of the military, and individuals would be required to either keep their homosexual orientation to themselves, or, if they did not, they would be discharged if already in the service or denied enlistment/appointment if seeking to join the service." Cf. BURELLI, D. e DALE, C., op. cit. p. 15.

¹⁷ Ib. idem. p. 4. livre tradução de: "sexual orientation is considered a personal and private matter, an homosexual orientation is not a bar to service unless manifested by homosexual conduct."

¹⁸ Ib. idem. p.3. livre tradução de: "Administration officials insisted that the President was merely trying to pursue a compromise that would take into account the concerns of the Congress and the military, but would also minimize discrimination against homosexuals."

esses sujeitos vivem a condição de repressão que já os acompanha em tantas outras instituições em que se encontram inseridos.

Michel Foucault afirma que a sociedade moderna impôs uma lógica da censura sobre a questão sexual que se dá por meio de três interdições: afirmar que não é permitido, impedir que se diga e negar que exista. Segundo o autor, a conciliação dessas interdições acabou por criar mecanismos de censura cuja “a lógica do poder sobre o sexo seria a lógica paradoxal de uma lei que poderia ser enunciada como injunção de inexistência, de não manifestação e de mutismo”. Em suas palavras:

liga o inexistente, o ilícito e o informulável de tal maneira que cada um seja, ao mesmo tempo, princípio e efeito do outro: do que é interdito não se deve falar até ser anulado no real; o que é inexistente não tem direito a manifestação nenhuma, mesmo na ordem da palavra que enuncia sua inexistência; e o que deve ser calado encontra-se banido do real como o interdito por excelência.¹⁹

Dessa forma, a repressão da homossexualidade acaba por se tornar menos um impeditivo e mais uma condição para se estar em um ambiente onde o masculino é exacerbado, como nas forças armadas. Essa imagem de masculinidade exacerbada, ao mesmo tempo em que pode se tornar altamente atraente, do ponto de vista homoerótico, é, também, altamente violenta, por se voltar contra o próprio sujeito e seu desejo.

Em "O Exército Inútil" a homossexualidade de Richie é enunciada sob outros registros, como na linguagem cinematográfica, ou seja, nos campos do enquadramento, iluminação, som, figurino e, cujas análises nos mostram que a questão principal da trama não era saber se Richie é ou não homossexual, mas sim, se ele tem a coragem de *falar* que é.

Um exemplo se dá na sequência onde os sargentos Cokes e Roonie, completamente embriagados, decidem ensinar aos três soldados como se pula de paraquedas. Dentro do alojamento, eles passam a simular, em um momento de meta-narratividade, como se estivessem suspensos no ar. No início da sequência, são enquadrados ao menos dois personagens por plano: ou os dois sargentos, ou dois soldados. Por sua vez, Richie é apresentado em primeiro plano, sozinho, ocupando toda a cena, com uma iluminação direta sobre si, o que faz com que no contraste do figurino que veste (camiseta branca e calça militar) a personagem se destaque em relação aos demais. Do ponto de vista da ação dramática, nessa mesma sequência, todas as personagens bebem whisky no mesmo copo do sargento,

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 82

como uma espécie de confraternização e sinal de igualdade. Porém, a Richie não é oferecida a bebida e quando o mesmo reivindica sua vez para beber, os sargentos questionam sua postura.

O que tais análises podem revelar? A personagem estava sendo diferenciada em relação às demais em vários campos da narrativa fílmica, além dos diálogos e da trama que lhes são próprias. As representações fílmicas sobre o universo militar são associadas a uma ideia bastante idealizada da masculinidade. A presença homossexual nesse universo imagético pode provocar uma instabilidade tanto nos valores que tais imagens apregoam quanto nos sentimentos envolvidos no convívio militar. Em outras palavras, representar um homossexual em um filme de guerra pode, em determinados momentos históricos, pôr em xeque a própria instituição militar bem como as guerras que empreendem.

Ainda que politicamente a lei *Don't Ask don't Tell* tenha sido tratada pelo governo Clinton como uma forma de "inclusão" dos homossexuais dentro das forças armadas, o que se percebe no enunciado da lei em questão é que a mesma acabava por causar uma presença meramente formal, visto que a subjetividade dos homossexuais na caserna deveria, literalmente, ser silenciada. Em seu codinome, a lei já revela o caráter conservador que possui: os homossexuais podem integrar as tropas, mas não se manifestarão como tal.

Em 1993, estimava-se que as Forças Armadas americanas contavam com aproximadamente 22.400 homossexuais, de um total de 1 milhão e 400 mil militares em serviço.²⁰ Os grupos homossexuais argumentam que, durante o estado de guerra (o que no caso americano subentende a maior parte da segunda metade do século XX) a política de desligamento dos homossexuais que manifestassem algum comportamento que evidenciasse suas orientações eram mais toleradas criando, assim, tratamentos distintos sobre o grupo: tolerância menor em tempos de paz, tolerância maior em tempos de guerra.

Podemos entender, então, que a *Don't ask don't tell* insere os homossexuais naquilo que Michel Foucault caracterizou como "prática do mutismo". Portanto, a política instituída no governo Clinton, aclamada pela Casa Branca como um avanço nos direitos de igualdade entre homossexuais dentro das Forças Armadas, revelou-se ineficaz e não garantia sua segurança dentro das tropas.

²⁰ Cf. BURELLI, D. e DALE, C. op. cit. p. 11.

Os grupos homossexuais denunciavam que a *Don't ask, don't tell* fomentava a homofobia e expunha à violência os homossexuais nas Forças Armadas, por criar uma legislação separada das punições aos heterossexuais. Em outras palavras existia uma discriminação tolerada e legitimada por uma lei claramente retrógrada.

Ao impedir que os homossexuais se manifestassem, a política celebrada pelo gabinete presidencial buscava ocultar tal presença entre as tropas ao negar àqueles sujeitos a condição de sua fala. O que se combateu, portanto, mais do que uma ação ou um sujeito específico, foi a possibilidade de emergir naquele espaço um discurso (e práticas) assumidamente homossexual.

O que não se pode falar, afinal?

Como podemos compreender a desastrosa ação política do gabinete Clinton, que acabou por desagradar ao mesmo tempo, militantes homossexuais e militares? Dois fatos históricos podem nos ajudar a elucidar a questão.

Logo que foi eleito, Bill Clinton não contou com a maioria e a presidência tanto da Câmara de Deputados como do Senado, fato que não ocorria desde 1952 (e que Barack Obama está tendo de administrar com a nova legislatura de 2014). Nas eleições legislativas de 1992, os democratas não obtiveram sucesso no parlamento e esse passou a fazer oposição direta às ações do Executivo. Com o parlamento sob o comando dos Republicanos, a Casa Branca não encontrou espaço para implementar parte de seus projetos, em especial os mais polêmicos, como os planos de assistência à saúde, ou a questão dos homossexuais nas Forças Armadas. A *Don't ask don't tell* pode ser entendida como uma derrota do governo, que teve de se contentar com uma alteração mínima no processo de ingresso às Forças Armadas: seria retirada dos formulários de inscrição a pergunta sobre a (possível) homossexualidade dos candidatos. Os homossexuais, por sua vez, deveriam manter suas relações homoafetivas no campo do privado.

O segundo fato deve-se aos episódios políticos que se sucederam ao fim da Guerra Fria. Desde a queda definitiva da URSS em 1991, os Estados Unidos tinham diante de si outro dilema a resolver, qual seja, as razões para existência da OTAN, agora sem seu inimigo *clássico*, o comunista.²¹

²¹ "Organização do Tratado do Atlântico Norte", a OTAN (NATO em inglês) é uma aliança estratégico-militar criado no início da Guerra Fria, liderada por Estados Unidos, Inglaterra e outras potências Ocidentais, com o objetivo de combater

Segundo Eric Hobsbawm, o envolvimento dos Estados Unidos nos conflitos na região dos Balcãs, empreendido pelo governo de Bill Clinton tinham, entre outras intenções, garantir a liderança dos Estados Unidos como superpotência global e, portanto, como líder também da OTAN.

não podemos esquecer que quando Clinton enumerou as razões para iniciar o bombardeio da Sérvia, em primeiro lugar vinha a defesa da credibilidade da OTAN e, portanto, dos próprios Estados Unidos.²²

Desde esse período, o que se viu foram envolvimento das Forças militares da OTAN, que são majoritariamente definidas conforme os interesses americanos, atuarem em função de uma suposta "defesa da democracia e dos direitos humanos". Sob o risco de ter de dissolver a Aliança ou não encontrar uma razão para sua existência, qualquer mudança nas Forças Armadas americanas, em especial, uma liberalização para o ingresso de homossexuais nas tropas, poderia expor a crise institucional que se buscava ocultar: a falta de funcionalidade para a Aliança.²³

Nossas análises sobre três fontes de tipologias muito específicas (filme de guerra, depoimentos de militares e leis militares) apontam para algumas possibilidades de compreensão da *Don't ask don't tell* como resultado da disputa de forças entre o governo Clinton, o Congresso Nacional (configurado, naquele momento, por uma maioria republicana) e as Forças Armadas Americanas, comandadas por conservadores em diferentes matizes.

Por traz do interdito "não fale" que a lei asseverava, o que estava oculto, na verdade, mais do que essa ou aquela prática sexual, era a derrota do governo Democrata em suas primeiras incursões pelo Congresso Americano e com o comando das Forças Militares Ocidentais. As situações criadas com a política de estado que Clinton tentava empreender como progressista podem ser entendidas, nesse contexto, como representativas daquele período da História dos Estados Unidos: contraditória, belicista e emudecida.

Ao se analisar as tensões políticas em um determinado processo histórico, não se pode ausentar os sujeitos de suas ações de integração, negociação e rejeição das normas e leis, como o depoimento

o "Pacto de Varsóvia", grupo de países comunistas liderados pela União Soviética. Com a queda do regime comunista soviético, a Organização perdeu sua função primeira.

²² HOBSBAWM, Eric. *O novo século*. Entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 25.

²³ Sobre essa tese ver o artigo de BARROSO, Juliana L. V. Segurança e uso da força no contexto da Otan pós-Guerra Fria. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, UFPR, Número 27, novembro 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n27/05.pdf>

de Tom permite considerar. Ao tentar calar definitivamente os homossexuais dentro das forças armadas, a lei não poderia ser mais clara e audível. O que não deveria ser dito, no fundo, era a fragilidade do governo democrata, que se verifica em políticas equivocadas como a *Don't Ask don't tell*.

Referências

- BARROSO, Juliana L. V. Segurança e uso da força no contexto da Otan pós-Guerra Fria. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, UFPR, Número 27, novembro 2006.
- BEDERMAN, Gail. *Manliness and civilization: a cultural history of gender and race in the United States, 1880-1917*. USA: University of Chicago Press, 1996. p.4
- BURELLI, D. e DALE, C. *Homosexuals and U.S. Military policy: current issues*. Washington: The Library of Congress, may 2005.
- O EXÉRCITO Inútil (Streamers). Direção: Robert Altman. Produção: Robert Altman e Nick J. Mileti. Roteiro: David Rabe. Intérpretes: Matthew Modine, Michael Wriugh, Mitchell Lichstein, David Alan Grier, Guy Boyd, George Dzundza. Los Angeles: Fox Filmes, 1983. 1 DVD (118 min), mono. Color. English (com legendas).
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 190.
- _____. *História da sexualidade 1: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 82
- HOBBSAWM, Eric. *O novo século*. Entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 25.
- NAZARIO, Luiz. O Exército Inútil: Robert Altman. *Cadernos Apontamentos*, São Paulo, v. 104, p. 9-20, 1992. p. 15.
- ROTELLO, G. *Comportamento sexual e AIDS: a cultura gay em transformação*. São Paulo: Summus, 1998.
- TROVÃO, Flávio. *O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política*, 1983. São Paulo: Anadarco, 2010.
- _____. Novos soldados para novos conflitos: cinema e guerra no governo Reagan (1980-1983). Em: IPIRANGA, P., GARRAFFONI, R. e BURMESTER, A. *Do amor e da guerra: um itinerário de narrativas*. São Paulo: AnnaBlume, Brasília: Capes, 2014. p.257-270.
- ZEELAND, Steven. *Military Trade*. New York; London: Harrington Pak Press, 1999.

Artigo recebido em: 09/04/2016

Artigo aprovado em: 09/05/2016